

Por que a *literatura* [está] *em perigo*?

Rosicley Andrade Coimbra¹

Em um primeiro momento o título desta resenha poderá soar demasiado retórico, ou mesmo, ingênuo, uma vez que os prognósticos acerca do futuro da literatura têm sido todos negativos. Com o advento da internet e o surgimento dos *blogs*, *e-books*, dentre outras formas de armazenamento e divulgação de textos – não entremos aqui no mérito literário de alguns desses novos gêneros textuais –, têm-se acirrado ainda mais as discussões acerca do papel da literatura frente a essa nova interface do mundo moderno: a tecnologia. Diante disso, algumas questões insistem: Ainda caberia à literatura uma “função”? Teria ela ainda alguma validade diante da moderna tecnologia? Ler um “bom” romance ainda ajudaria a conhecer melhor o mundo, as pessoas e, principalmente, a nós mesmos?

Essas questões não fazem parte de *A literatura em perigo*, de Tzvetan Todorov – pelo menos não diretamente –, mas elas surgem ao longo da leitura do livro. Para alguns, o título do livro chamará menos atenção do que o nome de quem o escreveu: Tzvetan Todorov. Nome eminente da corrente estruturalista, que teve seu apogeu nos anos 1970, influenciando e ditando não só os rumos da abordagem literária dessa época, mas também o de uma grande parcela de outras ciências humanas. A principal argumentação dessa corrente estava centrada na imanência do texto, afastando assim toda e qualquer relação com o mundo, com a realidade e, principalmente, com a vida. A verdade estaria no texto e, conseqüentemente seria captada somente por meio dele, que se constituiria como um mundo à parte, afastado do mundo real. Tais fatores foram decisivos para que se erigisse uma torre de marfim, onde fossem encerrados os principais nomes dessa corrente, assim como aqueles que a herdaram.

O assunto de *A literatura em perigo* não será novidade para os leitores mais atentos. Quem já leu textos como: “A literatura e a formação do homem” e “O direito à literatura”, ambos de Antonio Candido, ou *Literatura para quê?*, aula inaugural de

¹ Mestrando em Literatura e Práticas Culturais, no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados (FACALE/UFGD). Bolsista CAPES.

Antoine Compagnon no Collège de France, estará completamente familiarizado com este de Todorov. Como dito antes, o que chamará a atenção será o nome do autor.

Ao levantar a questão do perigo que ronda literatura em nossos dias, Todorov retoma a velha discussão sobre o poder e o alcance da literatura. Mas, como aponta o tradutor na apresentação à edição brasileira, Caio Meira, o autor aponta perigo bem diverso daquele referido por Platão na *República*: “Para Todorov, o perigo que hoje ronda a literatura é o oposto: o de não ter poder algum, o de não mais participar da formação cultural do indivíduo, do cidadão” (TODOROV, 2010, p.08). Em outras palavras: não temos mais leitores de Literatura, ela está sendo abandonada.

Dentre alguns pontos sublinhados por Todorov encontramos uma espécie de biografia sua, em que procura apontar seu percurso intelectual até chegar à França dos anos 1960, passando por seu encontro com Gérard Genette até as aulas com Roland Barthes, que frequentou na École des Hautes Études. E é partindo desses acontecimentos que o autor procurará esboçar um novo rumo em seu *método* de análise literária. Segundo ele, o interesse pelo material verbal desaparecera, dando lugar a uma procura por “novas ferramentas de trabalho”, no qual se familiarizou com “elementos e conceitos de psicologia, da antropologia e da história” (TODOROV, 2010, p.21). A partir de então o próprio objeto de trabalho também se ampliou. Daí a conclusão de que: “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características” (TODOROV, 2010, p.22). Podemos ver nessa afirmação uma justificativa para um tratamento que, a partir de então, extrapola as fronteiras das abordagens imanentistas do texto, distando assim dos métodos estruturalistas mais tradicionais.

Em tempo, Todorov verá a literatura expandir seus campos, incluindo também “o vasto domínio da escrita narrativa destinada ao uso público ou pessoal, além do ensaio e da reflexão” (TODOROV, 2010, p.23). Será uma mudança substancial para além do texto, no qual a literatura ganhará contornos muito mais vastos, ampliando o universo do autor, incitando-o “a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (TODOROV, 2010, p.23). Nesse sentido, o próprio Todorov tomará consciência de que a literatura iria muito além do texto. Ele mesmo deixa entender que percebera a tempo que o método estruturalista era limitado, necessitando de complementos, que só seriam disponibilizados fora do texto. Mas será que os demais estruturalistas também perceberam isto?

E hoje, passado a febre estruturalista, qual o espaço da literatura na escola, e por extensão, na universidade? O autor argumenta que os programas atuais estão pautados no “estudo da disciplina”, não no “estudo do objeto”, constatando em seguida: “ensinamos nossas próprias teorias acerca de uma obra em vez de abordar a própria obra em si mesma” (TODOROV, 2010, p.31). Se se fizesse o contrário, isto é, focando o ensino no estudo das obras literárias, poderia se ir bem além, encontrando um “sentido” que permitisse compreender melhor o homem e o mundo, para aí descobrir uma beleza que enriquecesse sua existência. Mas esse é caminho ignorado pelo atual ensino de literatura, que dá as costas a essa “função humanizadora” da literatura, para usar a expressão de Antonio Candido. Conforme nota Todorov, há uma preocupação tão exacerbada com os métodos de análises, que a própria literatura em si fica “reduzida ao absurdo” de um amontoado de teorias, atentas somente a fazer uma abordagem interna, olvidando que “as obras existem sempre dentro e em diálogo com um contexto” (TODOROV, 2010, p.32).

Todorov tratará ainda de questões de ordem mais histórica, procurando fazer um percurso do tratamento dado à literatura. Partindo da concepção clássica da arte, que conferia ênfase e notoriedade a figura do autor, dotando-o de uma aura divina, cujo trabalho também era sacralizado. A atividade do artista seria imitar a natureza, criada por Deus, e sob essa ótica ele também se igualaria ao criador, pois criava por meio da imitação da beleza. Nesse sentido, esse artista ganharia *status* de criador equiparando-se a uma deidade (TODOROV, 2010, p.46).

Observa-se, posteriormente, uma ênfase conferida ao indivíduo, que graças ao século das Luzes também ganha autonomia. Movimento similar pode ser observado no campo das artes, que se torna acessível a todos e o artista passa a encarnar o indivíduo livre. Sob esse novo paradigma, o gosto residiria na subjetividade dos leitores ou espectadores. E mais, a literatura passa a ser generalizada: tudo que estiver em forma de letra é literatura.

Há ainda a concepção romântica da “arte pela arte”. Essa concepção não introduz ruptura notável, conforme sublinha Todorov. A arte continua a ser um conhecimento do mundo (TODOROV, 2010, p.61). O que a diferencia é o “juízo de valor”: a arte possuiria um grau de conhecimento mais elevado que o da ciência e que daria “acesso a uma segunda realidade, proibida aos sentidos e ao intelecto, mais essencial ou mais profunda do que a primeira” (TODOROV, 2010, p.62). A literatura,

sob esse aspecto, continua a ser algo (quase) inacessível, uma vez que se comportaria como uma arte, à qual somente os “iluminados” ou iniciados teriam acesso.

Passado o percurso histórico, podemos chegar a capítulos mais substanciais do livro. Trata-se dos dois últimos: “O que pode a literatura?” e “Uma comunicação inesgotável”. O primeiro apresenta a interface curativa e libertadora da literatura. É claro que são adjetivos que não podem ser tomados em seus significados estritos, pois a literatura cura e liberta no sentido de que “ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (TODOROV, 2010, p.76). Essa cura e libertação são transformações que ocorrem em cada um, de maneira diversa, sempre no interior do indivíduo. A literatura “tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções”, citando Antonio Candido mais uma vez (CANDIDO, 2004, p.176). Ela “percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciaram, mas que a ficção reconhece em seus detalhes”, podemos complementar com Antoine Compagnon (COMPAGNON, 2009, p.50).

Já no capítulo final, Todorov retomará a questão do ensino de literatura na escola para justificar sua preocupação com a maneira como esta última tem tratado a primeira. O modo como as análises de obras literárias são tratadas na escola serve apenas como ilustração a conceitos e métodos de análises. Os textos são usados somente como meros exemplificadores e o “sentido” da obra, ou seja, aquilo que “nos conduz a um conhecimento do humano, o qual importa a todos” é ignorado (TODOROV, 2010, p.91). Contudo, Todorov não descarta o uso dos “métodos”, mas ressalva que devem ser complementares. O papel do crítico é converter o sentido que a obra produz, juntamente com o pensamento do autor, em linguagem comum do seu tempo – “e pouco nos importa saber quais os meios utilizados para atingir seu objetivo” (TODOROV, 2010, p.91). Para que, só assim o leitor de literatura, cujo objeto é “a própria condição humana”, se torne um conhecedor do ser humano, não um especialista em análise literária (TODOROV, 2010, p.92). As ferramentas de análises devem ser encobertas, ao término do trabalho, pelo “sentido” do texto. Em outras palavras, trata-se de fazer com que “o pensamento do autor entre no debate infinito de que é objeto a condição humana” (TODOROV, 2010, p.91).

À primeira vista, o livro de Todorov poderá ser tomado como uma espécie de *mea culpa*, uma vez que o autor, em certa medida, é um dos responsáveis pela onda de análises estruturais que surgiu com o advento do Estruturalismo. No entanto, como ele

próprio procurou sublinhar, sua preocupação, assim como sua visão acerca da literatura, ampliou-se, conforme observou que esta não poderia ser abordada como estando alienada do mundo. O Estruturalismo procurou assentar bases científicas em seus métodos de análises, mas terminou por renegar e se desviar do real papel da literatura, que é o conhecimento do humano. Na verdade, quem escreve o livro não é o Todorov estruturalista, mas o Todorov leitor, preocupado, sobretudo, por não ver a literatura ser tratada como fonte de conhecimento sobre o homem, mas como mero pretexto para teorias e formas de análises – diga-se de passagem que esta é a voga hoje. Os verdadeiros leitores são cada vez mais escassos. As leituras de obras literárias, quando feitas, são meramente ilustrativas. Em outros casos, não se pode dizer que haja uma leitura da obra, mas somente uma leitura da leitura, uma espécie de “meta-leitura”, no qual o “leitor” toma conhecimento de determinado livro lendo somente o que a crítica disse sobre. Nesse caso, são pertinentes as palavras de Platão acerca do afastamento da “verdade” quando da imitação. Mas aqui ousamos desviar um pouco a ideia do filósofo. Se em sua *República* afirma que a poesia estaria afastada três graus da verdade, aqui podemos dizer que as atuais formas de leitura se mostram também afastadas da verdade, podendo ser consideradas como verdadeiros *simulacros*.

Para encerrar, resgatemos a questão posta como título desta resenha: “Por que a *literatura* [está] *em perigo*?” A literatura está em perigo porque nos esquecemos do que ela é capaz. E por que nos esquecemos? Porque o mundo se tornou tão objetivo, que uma forma de conhecimento como a literatura, com uma “poderosa força indiscriminada”, que se incorpora de maneira “difusa e inconsciente” à vida do homem – novamente Antonio Candido –, suficiente para libertá-lo e curá-lo, não se mostra como tendo uma função definida. Como consequência, nos tornamos menos humanos e mais distanciados uns dos outros, uma vez que ela, a Literatura, também nos aproxima do *outro*, posto que ela também é *alteridade*. Assim é a Literatura: “palavras que [nos] ajudam a viver melhor” (TODOROV, 2010, p.94).

Referências bibliográficas:

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: Remate de Males – Antonio Candido. Unicamp: IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária, 1999, p.81-89.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p.169-191.

COMPAGNON, Antoine. Literatura para quê? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.